

Foto Revista



Um grupo de senhoras de Mação ofereceu à câmara municipal uma peça em arraiolos com o brasão do município em sinal de agradecimento à autarquia por esta ceder as instalações onde se reúnem três vezes por semana, há vários anos, para fazerem trabalhos de artesanato. O gesto de gratidão em forma de arte pode ser apreciado por quem passa no átrio dos paços do concelho e tem a assinatura de Elvira Sampaio Lemos, Antónia Maria Santos Silva, Aurelinda Casola Serra, Clementina Morgado, Francisca Oliveira, Lídia Conceição, Lorena Jana, Maria Helena Jana, Susete Murteira e Teresa Saramago.

ÚLTIMA PÁGINA

Cheias



Um autarca dizia-me recentemente estar muito admirado com o que se está a passar em Inglaterra no que respeita a cheias. “Como é que um país com aquela organização e meios está a viver uma situação tão catastrófica?”

Desde sempre as populações ocuparam as zonas de maior perigosidade, designadamente os leitos de cheia dos rios. Em qualquer parte do mundo, estas são as zonas mais férteis e com mais recursos. Na região de Londres vivem atualmente mais de 10 milhões de pessoas e por isso não há ordenamento e meios que possam evitar o que se está a passar na bacia do Tamisa. A ocupação maciça destas zonas, partes baixas das bacias hidrográficas, agrava enormemente o risco de cheias. É apenas isto que se está a passar na zona de Londres.

Na outra costa atlântica, em Nova York, são a neve e o gelo que afetam milhões de americanos. Ou seja, nada é tão democrático como os riscos naturais: atingem países pobres e ricos. E temos uma certeza: já aconteceram e vão voltar a acontecer. A grande incerteza é que não sabemos quando.

Perante esta equação, inevitabilidade e incerteza, a prevenção parece ser a atitude mais eficaz e económica. As situações mais críticas devem ser assumidas e estruturalmente resolvidas e a hipótese de demolição não deve ser descartada. O exemplo do litoral português é paradigmático - em muitas situações não faz sentido nenhum continuar a gastar dinheiro. No geral, e como opção de fundo, é ao nível do ordenamento que devemos atuar. Naturalmente que esta é uma ação de efeito a médio-longo prazo.

Com os dados históricos que se conhecem, é incontornável que se produzam instrumentos de gestão, como é o caso de cartografia de risco. Cartas de zonas inundáveis na escala das bacias hidrográficas são necessárias para melhorar a gestão dos riscos de inundações. A Diretiva Inundações da UE enquadra este trabalho e legislação não nos falta.

Seja como for, os meios de ação disponíveis (humanos e materiais), em caso de ocorrência e na prevenção, são sempre mais escassos que o necessário. Tudo isto são certezas.

O que fazer? i. avaliar e assumir o risco; ii. prevenir; iii. em caso de ocorrência, ação rápida e eficaz de forma articulada por parte de todos os agentes de proteção civil. A ação e eficácia destes é tanto maior quanto melhores forem os instrumentos de gestão e de apoio à decisão existentes.

No que respeita às cheias, temos a certeza que pequenas e económicas ações de limpeza e valorização de linhas de água trazem enormes benefícios. Estas fazem-se a nível local, nas freguesias, com os proprietários particulares confinantes legal e moralmente implicados.

Este tipo de ação possibilita ainda o conhecimento cada vez maior dos pontos críticos onde são necessárias intervenções estruturais. Muitas vezes, são pequenos estrangulamentos que têm grandes efeitos e consequências a montante.

Os episódios como os que temos vivido constituem uma excelente oportunidade para responsabilizar cada um a fazer a sua parte, com as autarquias à cabeça.

Carlos A. Cupeto

cupeto@uevora.pt Professor na Universidade de Évora

Morte de Pita Soares e de Arnaldo Frazão são as notícias mais lidas em O MIRANTE Diário Online

O falecimento do professor e ex-diretor da Segurança Social de Santarém, Alexandre Pita Soares, e do empresário Arnaldo Mendes Frazão, pai do actual provedor da Santa Casa da Misericórdia de Pernes, foram as notícias mais lidas em O MIRANTE Diário Online.

No período de 12 a 18 de Fevereiro cada uma das notícias teve mais de três mil visualizações. Neste período o Diário Online registou no total perto de 100 mil visualizações, segundo as estatísticas da Google que analisa o tráfego do site.

No mês de Janeiro o Diário Online registou mais 18340 visualizações em comparação com o mês de Dezembro. Segundo os dados da Marktest que audita o tráfego do site em Janeiro registaram-se 494322 visualizações.

O MIRANTE dos leitores

Poluição do Alviela - “Se a anomalia já tinha sido verificada antes de que foi feito para evitar a repetição?” - **Carlos Manuel Rodrigues Pinheiro**

Crimes ambientais - “O castigo merecido era beberem um copo da porcaria que deitaram para o rio” - **Gonçalo Rosário**

Apoio às colectividades - “Em Azambuja esse apoio está congelado. Dizem que é da crise. Tivessem pago a tempo e horas” - **José Braz**

Finanças - “Se cada município ceder gratuitamente um edifício o Esta-

do não fecha serviços” - **Luís**

Etar dos Carochos - “A Câmara de Abrantes não diz que pagou o que devia ser o concessionário a pagar e não há obra” - **Artur Lalanda**

Estrada Moitas Venda - “A previsão do arranjo é uma previsão e pode não passar disso mesmo” - **Carlos Manuel Rodrigues Pinheiro**

Ruínas - “Se calhar mais de 50% dos prédios desta rua são casas velhas e se calhar todas em risco de desmoronamento” - **Adérito Silva**

Roubo cobre - “E a Ponte Salgueiro Maia também está às escuras por causa dos roubos de cobre?” - **João Motta Freire**

Semáforos - “Porque não colocam uns semáforos de obras na ponte da Chamusca durante o Inverno?” - **Carlos Serafim de Carvalho**

Dívida - “Saneamento financeiro é uma expressão para designar correcção de erros de gestão” - **Manuel Peñascoso**

Cheias - “Já não vêm ministros ver a cheia com medo que lhes metam as cabeças debaixo de água” - **João Marques Castelo**

Ameaças - “Ameaçou mas não bateu. Eu também ameaço partir tudo quando o governo faz mais asneiras mas acabo por não partir nada” - **Jorge Serrão**

Comentário

Nossa Senhora de Fátima Fonseca

Paulo Fonseca, o presidente da Câmara de Ourém, fez a diferença como político enquanto andou por aí a abrir caminho no PS, no antigo Governo Civil e como candi-

dato à Câmara de Ourém. Fiz-lhe o elogio na altura porque achei merecido. Depois da vitória autárquica em 2009 o homem mudou como só Deus sabe. Nestas últimas eleições Paulo Fonseca só não caiu da cadeira porque Nossa Senhora de Fátima é socialista. Perdeu todo o apoio popular de há quatro anos e valeu-lhe a Santa que terá conspirado a seu favor. Quem não é crente, como eu, dirá que subiu o poder à

cabeça de Paulo Fonseca e com isso tem vindo a perder não só a cabeça como a credibilidade.

A passagem das reuniões de câmara públicas quinzenais para mensais demonstraram a irracionalidade da sua governação face àquilo que dantes criticava no PSD. Recentemente mandou perguntar aos jornalistas se precisavam de uma reunião com ele a meio do mês para compensar a

falta de informação que saía da reunião pública que ele tratou de eliminar. Como é evidente o senhor presidente da Câmara de Ourém julga que faz o ninho atrás da orelha a todos os jornalistas que circulam à sua volta. E deve achar que não temos mais nada para fazer que atender às suas necessidades de comunicação, logo ele que deixou de comunicar porque as notícias começaram a ser incómodas. **JAE**